

UMA SÍNTESE DOS TRÊS ENFOQUES NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS: O POSITIVISMO, A FENOMENOLOGIA E O MARXISMO

Joselaine Severo Carlotto

Universidade Federal da Fronteira Sul

joselainecarlotto@gmail.com

Luana Garcia Machado

Universidade Federal da Fronteira Sul

l.g.machado@hotmail.com

Eixo 09: Multidisciplinar

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância do positivismo, da fenomenologia e do marxismo como correntes de pensamento no contexto da pesquisa qualitativa em educação. No texto é mostrado o contexto histórico de cada corrente bem como intelectuais que deram início à elas no século XIX, coincidindo sua criação com a concepção da sociologia como ciência. Este trabalho é de natureza qualitativa, descritiva, elaborado com base em leitura de livros e artigos científicos de diferentes autores acerca do tema proposto. Considerado um tema relevante e atual devido a compreensão do mesmo e de utilizar o método correto nas pesquisas educacionais.

Palavras-chave: Sociais. Fenomenológico. Método.

Introdução

O presente texto trata dos três enfoques da pesquisa em ciências sociais, o positivismo, a fenomenologia e o marxismo, nesse estudo Triviños (1987) busca caracterizar as correntes do pensamento contemporâneo inserido no contexto da pesquisa qualitativa em educação. A necessidade dessa pesquisa é pela confusão que guia muitas pesquisas que estão nas prateleiras das bibliotecas de ensino superior, as quais sem os conceitos centrais orientadores se tornam um amontoado de ideias. Além disso, o tema é considerado atual e relevante oferecendo a possibilidade de compreender as perspectivas do método a ser utilizados na pesquisa educacional. No decorrer deste trabalho serão abordados em ordem cronológica o enfoque positivista, fenomenológico, dialético e suas características, ressaltando que eles podem ser usados em conjunto para fortalecer a pesquisa, sempre predominando um deles conforme a necessidade do pesquisador.

O positivismo

As raízes do positivismo se encontram no empirismo desde a antiguidade, mas foi Bacon, Hobbes e Hume que deram a ele bases concretas e sistematizadas nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Nas pesquisas empírico-analíticas cada fenômeno é abordado de forma delimitada e separada do contexto para controlar as variáveis externas, podemos observar isso nos pressupostos gnosiológicos, pois pressupõe que o objeto dado está inserido na realidade estática cabendo ao ser humano descobri-lo e decifrá-lo.

No grupo da abordagem empírico-analítica temos métodos empiristas, positivistas, neopositivistas, funcionalista e sistêmicas, que são recorrentemente utilizadas em estudos das áreas sociais e naturais onde o homem é um sujeito ativo de experimentos. Entretanto, a exclusão do confronto de ideias amparada na neutralidade axiológica torna limitante esta abordagem ao utilizá-la nas áreas das ciências humanas e sociais por exemplo, pois o objeto é a realidade e o homem é um ser portador de linguagem e cultura e, logo, não é neutro.

Segundo Edgar Morin (2005; p. 158) “[...] a ciência progrediu na dupla tensão entre empirismo e racionalismo[...]”. Através dos autores Francis Bacon e John Locke a abordagem empírica impulsionou o surgimento de novas abordagens, como a do positivismo, com Auguste Comte, onde o conhecimento era entendido como todo aquele obtido dados os sentidos e, após, com Karl Popper, o neopositivismo, com a proposta da falseabilidade, o qual considerava que os enunciados científicos são falseáveis por meio de fatos e podem ser empiricamente refutáveis pela experiência.

Desta forma, Augusto Comte é considerado o fundador do positivismo, que tinha como princípio fundamental buscar a explicação dos fenômenos através das relações dos mesmos e a exaltação da observação dos fatos. Os fatos sociais eram tratados como ‘coisas’ e buscava realizar a investigação por meios concretos e positivos, não buscando compreender o fenômeno. Comte dizia que o positivo é um estado sobre o útil ao invés do ocioso.

Triviños (1987) divide o positivismo em três fases na evolução, sendo o positivismo clássico tendo além de Comte como autor, a participação de Littré, Spencer e Mill; o empiriocriticismo com Avenarius e Mach e o neopositivismo que compreende uma séria sematizes, entre elas o empirismo lógico e positivismo lógico, entre outras, todas conservando traços do pensamento de Comte, o de ser idealista e subjetivo.

O positivismo através de suas formas neopositivistas alcançou muitos avanços no campo metodológico para o desenvolvimento do conhecimento (TRIVIÑOS, 1987), mas acabou predominando até a década de 70, quando declinou e deu lugar a uma nova corrente de pensamento, a fenomenologia. Segundo Triviños (1987, p. 35), parafraseando Augusto Comte, afirma que a imaginação tinha que ser submissa a observação, pois “o verdadeiro espírito positivo consiste em ver para prever”.

A decadência do positivismo fez com que a fenomenologia ganhasse espaço, onde veio a influenciar diversas correntes de pensamento, destacando-se o existencialismo. De acordo com Triviños (1987, p. 31):

[...] o positivismo perdeu importância na pesquisa das ciências sociais que se realizava, especialmente, nos cursos de pós-graduação das universidades, porque a prática da investigação se transformou numa atividade mecânica, muitas vezes alheia às necessidades dos países, sem sentido, opaca, estéril. A tendência a quantificação privilegiou o emprego da estatística, às vezes usando técnica sofisticadas no intuito de atingir maior prestígio como pesquisador.

Nos últimos anos da década de 70, na fenomenologia, Edmund Husserl, seu principal teórico, defendia o ponto de vista que a consciência está sempre dirigida a um objeto, reforçando a ideia de que não existe objeto sem sujeito, compreende-se o fenômeno pelo fenômeno, tentando entender como as pessoas enxergam o homem e o espaço.

A fenomenologia e o marxismo

De acordo com Dantas (2019, p. 131), no pensamento contemporâneo, Husserl propõe o método fenomenológico, “[...] que consiste em acompanhar o fenômeno da consciência em sua própria manifestação e ação, para que revele sua essência: a intencionalidade [...]”. É partindo das premissas de autores, dentre eles Husserl, que Gadamer e Heidegger contribuíram para o surgimento de uma nova abordagem, a fenomenológica-hermenêutica.

A hermenêutica, neste contexto, parte de que todo objeto é passível de interpretação, e este ponto é essencial, entretanto, isso dependerá do interprete, o qual possui tradições, cultura e utiliza da linguagem. Habermas e Gadamer travam uma discussão acerca da verdade, com o aprofundamento dos conceitos de tradição, compreensão, distorção e alienação. Além disso, Heidegger contribui drasticamente com os autores anteriormente citados, pois apresenta a dimensão ontológica do homem, enfatizando sua finitude.

Contudo, “para Husserl não existem conteúdo da consciência, mas exclusivamente fenômenos. O dado é a consciência intencional perante o objeto” (TRIVIÑOS, 1987, p. 44). De acordo com Triviños (1987, p. 43), “a fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção e a essência da consciência”.

A noção de intencionalidade é a ideia básica, fundamental da fenomenologia, ela acredita que não pode compreender o homem e o mundo de outra forma se não a partir de sua facticidade. Percebe-se que a fenomenologia elevou a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento, além de permitir discutir pressupostos na pesquisa educacional, que antes eram considerados naturais ou óbvios, e como as outras correntes de pensamento, a fenomenológica também recebeu suas críticas em relação ao conservadorismo em comparação ao positivismo. Segundo Triviños (1987, p. 47), “ela exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente a nossa consciência. Por isso, na pesquisa, eleva o ator, com suas percepções dos fenômenos, sobre o observador positivista”.

Diante disso, uma das aplicações da abordagem fenomenológica hermenêutica é por vezes conjugada com a dialética/crítica. A discussão sobre ambas abordagens surgiu a partir dos anos 60. O materialismo dialético teve como principal teórico e fundador Karl Marx, o qual uniu sua concepção de mundo às ideias idealistas de Hegel (1770-1831), tais como a alienação e o ponto de vista dialético sobre a compreensão da realidade, desenvolvidas dentro de sua visão materialista do mundo.

Triviños (1987, p. 51), afirma que “o materialismo é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais, para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento”, mas aspira também ser a teoria orientadora da revolução do proletariado.

Para o marxismo a realidade existe independente da consciência, sendo ela produto da matéria, permite que o mundo se reflita nela. Triviños (1987) destaca também a importância da prática social como critério de verdade e faz a interconexão entre o relativo e o absoluto, onde verdades científicas significam graus de conhecimento limitados pela história. Tem como características a materialidade do mundo, matéria anterior à consciência e diz que o mundo é conhecível. Busca analisar as relações porque tudo está em constante movimento, mudança, transformação na história e também faz a análise das contradições.

A construção da crítica dá-se através da razão, no plano gnosiológico e ontológico, que é palco de diversas divergências. Segundo Tonet (2013) é com o surgimento do mundo moderno, em contraposição ao medieval, que se abandona a centralidade do objeto e instaura-se a centralidade do sujeito. Esta mudança de percepção do homem e objeto é o que estimula a criação de novos métodos de análises e a própria construção do conhecimento, pois a realidade do mundo objetivo torna-se não estático e o homem passa a ser sujeito ativo.

Assim nas pesquisas de concepção marxista o pesquisador deve dominar alguns conceitos como: estruturas das formações sócio-econômicas, modos de produção, força e relações de produção, classes sociais, ideologia, base e superestrutura da sociedade, cultura como fenômeno social, etc.

E, partindo do pressuposto de que a vida é que determina a construção da consciência, ao transformar a natureza os próprios seres humanos transformam a si mesmos, ou seja, há subjetividade, mas significa também que a realidade é objetiva. “A noção de realidade é a categoria mais geral que organiza os conteúdos e noções de história, de ser humano, de sujeito, de objeto; é entendida como totalidade, concreticidade e visão de mundo”. A razão surge, desta forma, como a construção do próprio processo social. Desta forma fica claro a importância de cada método assim como o fato de cada um ter suas limitações, e saber utilizar os pontos fortes de cada um é o que demonstra as qualidades dos trabalhos redigidos.

Este trabalho trata-se de uma revisão de literatura a respeito do tema proposto, se utilizando de livros e artigos acadêmicos a respeito do tema proposto.

Conclusão

A "abertura política" que peculiariza o começo da década de oitenta permite uma discussão mais ampla das diversas tendências do pensamento, pois antes os países viviam em uma condição histórica imposta pelo autoritarismo, não sendo possíveis muitas discussões.

Em qualquer uma das correntes de pensamento os pesquisadores se separavam em grupos para criar diferentes teorias mas vinculadas a teoria original. Assim expomos que não podemos reduzir a importância da metodologia apenas as referências bibliográficas utilizadas, pois a teoria é algo essencial para construir o conhecimento. Sendo assim o pesquisador precisa saber com clareza em qual corrente está baseada a escrita de sua pesquisa para obter o sucesso almejado.

Com a exposição até aqui realizada, podemos perceber que os três enfoques possuem limitações, mas que podem ser utilizados de forma conjugada, em que a limitação de um é

amenizada pelo outro, de forma não excludente e sim de coexistência. Contudo, um dos enfoques terá prevalência, por isso, com base no projeto de investigação o autor deve analisar qual é a mais apropriada de acordo com os conceitos utilizados, o que ressalta a necessidade de dominar as abordagens, enfoques, métodos e linguagem.

Referências

MORIN, Edgar. 1921- Ciência com consciência. Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2005. Tradução de: Science avec conscience.

STEIN, Ernildo. Dialética e hermenêutica. *In: Síntese: Revista de Filosofia*. Disponível em www.faje.edu.br . Acesso em: 22 jan. 2021.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto. Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.